Diurna.

a ousadia de escrever

MAI 2022

Nº 7

Ano 2

Número VII

Edição | Maio 2021

D.

Editorial

Caros leitores, é com um enorme sentido de missão cumprida e de honra que escrevo este Editorial. Como tive a oportunidade de anunciar, será o último que escreverei enquanto *Editor-in-Chief* do Jornal Diurna., fundado há dois anos, com alguns dos amigos e professores que mais marcaram o meu percurso na Universidade Católica Portuguesa.

Através deste projeto, aprendi tanto mais sobre o mundo, sobre perguntar e escutar, sobre relacionar-me e sobre ser persistente e determinado. Nasceu de um sonho que cresceu à medida das ambições e possibilidades das Equipas que me acompanharam.

Dito isto, neste semestre, decidimos lançar apenas uma e não duas edições. O motivo? Foi tempo de preparar o futuro da nossa publicação, reunindo com potenciais futuros editores. Em setembro, estou certo, estarão prontos para agarrar este testemunho e dar à comunidade da Católica Porto uma plataforma única e pluralista que, a nosso ver, enriquece tanto a vida na nossa *alma mater*.

As minhas últimas palavras são de agradecimento, em particular, a todos os que participaram nas sete edições que coordenei desde outubro de 2020. Obrigado aos mais de 100,

- *D. Manuel Clemente*
- *Isabel Capeloa Gil*
- *Isabel Braga da Cruz*
- *Manuel Fontaine*
- *Agostinho Guedes*
- *Ana Andrade*
- *Rita Lobo Xavier*
- *Rodrigo Adão da Fonseca*
- *João Paulo Coutinho*
- *Professor Carvalho Guerra*
- *Francisca Guedes de Oliveira*
- *Maria Clara Sottomayor*
- *Márcia Branco*
- *Maria Lopes Cardoso*
- *Daniel Fonseca*
- *Ana Madsen*
- *Rui Soucasaux Sousa*
- *Maria Beatriz Ferreira*
- *Manuela Pintado*
- *Gustavo Carona*
- *Mariana Reis Barbosa*
- *Vanessa Ovelheiro*
- *Ana Gabriela Cabilhas*
- *AE - Faculdade de Direito*
- *AE - Católica Porto Business School*
- *AE - Escola das Artes*
- *AE - Escola Superior de Biotecnologia*
- *AE - Instituto de Ciências da Saúde*
- *AE - Faculdade de Educação e Psicologia*
- *AE - Faculdade de Teologia*
- *Manuel Afonso Vaz*
- *Paula Castro*
- *Luís Lemos Triunfante*
- *Francisca Brochado*

D.

- *Bruno Maia*
- *Paula Ribeiro de Faria*
- *Teresa Nunes*
- *Maria Inês Faria*
- *António Lobo Xavier*
- *José Couceiro da Costa*
- *Gonçalo Morais*
- *Pedro Ribeiro*
- *Tomás Guerra*
- *CASO*
- *CIC*
- *CSC*
- *ELSA*
- *GAS'África*
- *HeForShe*
- *Sociedade de Debates*
- *Raquel Matos*
- *Fábio Castro Russo*
- *Inês Espinhaço Gomes*
- *Leonor Alcântara*
- *João Coutinho*
- *António Almeida*
- *Elisabete Pinto*
- *Rubén Pimentel*
- *Tiago Morgado*
- *Margarida Matos*
- *Marco Brites*
- *Jorge Bleck*
- *Catarina Santos Botelho*
- *Mário Aroso de Almeida*
- *Themis Academy*
- *Second Home*
- *Mentoria*
- *Francisco Ancêde*
- *Marta Vasconcelos*
- *Nuno Cerejeira Namora*
- *Isabel Meneres Campos*
- *Gonçalo Sousa*
- *Tiago Campos*
- *Guilherme Santos*
- *António Pato*
- *CCTC*
- *AIESEC*
- *Padre José Nuno Silva*
- *Lúcia Catarina Ferreira*
- *Luísa Fernandes*
- *Sérgio Vasques*
- *João Paulo Carvalho*
- *Carla Castelo Trindade*
- *Francisco Mendes da Silva*
- *Ana Rita Magalhães*
- *CPS*
- *Carmo Themudo*
- *Guilherme Marques Silva*
- *Maria Luís Gaspar*
- *Sofia Salgado*
- *Joana Almeida*
- *Fernando Carvalho*
- *José Azeredo Lopes*
- *Catarina Andrade*
- *Alexandra Freire*
- *João Cotrim de Figueiredo*
- *Afonso Oliveira*
- *Beatriz Teixeira*
- *José Cardoso Botelho*
- *Alumni Faculdade de Direito*
- *Eneide Seixas*
- *Bárbara Saraiva*

A todos estes, aos leitores, e aos que colaboraram sem que para isso tivessem que assinar qualquer texto, o meu mais profundo reconhecimento.

Esta foi a honra do meu percurso académico. E, talvez, o mais proveitoso dos desafios.

Esta foi a nossa Ousadia de Escrever,



Nuno Brochado de Agarez

Editor in Chief

D.

Na Escola:

Adquirir conhecimentos ou fazer exames?

Não sei se os alunos universitários, em geral, alguma vez se questionam sobre para que serve a Universidade. Tenho ideia de que não o fazem.

A missão fundamental de qualquer Universidade é, antes de mais, criar e difundir conhecimento. A um nível mais pragmático, a Universidade visa formar (bons) profissionais, quadros para a sociedade, assim contribuindo, globalmente, para o desenvolvimento da comunidade em que se insere. Uma Universidade Católica deve, ainda, assumir plenamente a missão de formar pessoas verdadeiras, corajosas, livres, íntegras, responsáveis e solidárias.

(...) alguma vez se questionam sobre para que serve a Universidade.

Claro que por muito bons que sejam os mestres (e alguns nem os mínimos cumprem, como notícias recentes demonstram), estas missões só podem ser levadas a cabo se os aprendizes estiverem, de facto, disponíveis para (e empenhados em) adquirir conhecimento. Se é verdade que se deve exigir dos mestres a atitude correta, também não é menos verdade que também do lado dos aprendizes é igualmente necessária uma atitude correta.

A atitude correta de um aprendiz não é, seguramente, estudar para os exames para passar (ainda que com uma boa classificação) e para, no fim, obter o "certificado". Sem querer cometer injustiças (mas correndo o risco de o fazer), fico muitas vezes com a sensação de que os alunos chegam à Universidade "treinados" para fazer exames; a única coisa que os preocupa é fazer os exames, seja para obter uma simples aprovação, seja para obter uma boa classificação. Com este objetivo, muitos não hesitam em faltar a aulas para preparar avaliações (ou melhor, faltar a aulas também para isso), desvalorizando o que é verdadeiramente único no ensino: o contacto próximo com o mestre, o diálogo científico que ilumina e, por vezes, até apaixona.

A atitude correta de um aprendiz não é, seguramente, estudar para os exames para passar (...)

O mais irónico é que não conheço nenhum professor de qualquer grau de ensino que goste de fazer exames.

O mais irónico é que não conheço nenhum professor de qualquer grau de ensino que goste de fazer exames. O exame é um processo burocrático destinado a verificar (e a certificar) que o aluno cumpriu os objetivos de aquisição de conhecimento em determinada área. É só isto.

O estudo dirigido apenas para os exames, ainda para mais o estudo de "urgência", feito a correr e em cima da hora, tem como consequência que uma parte substancial do conhecimento adquirido se perde ao fim de pouco tempo. Noto, no curso de mestrado, que uma parte substancial dos alunos já não domina temas básicos aprendidos nos primeiros semestres do curso de licenciatura. Aquilo que deveria ser um processo de acumulação de conhecimento é, afinal, um processo de substituição de conhecimento.

A atitude correta do aprendiz no contexto da Universidade é a disponibilidade, vontade e empenho para aprender.

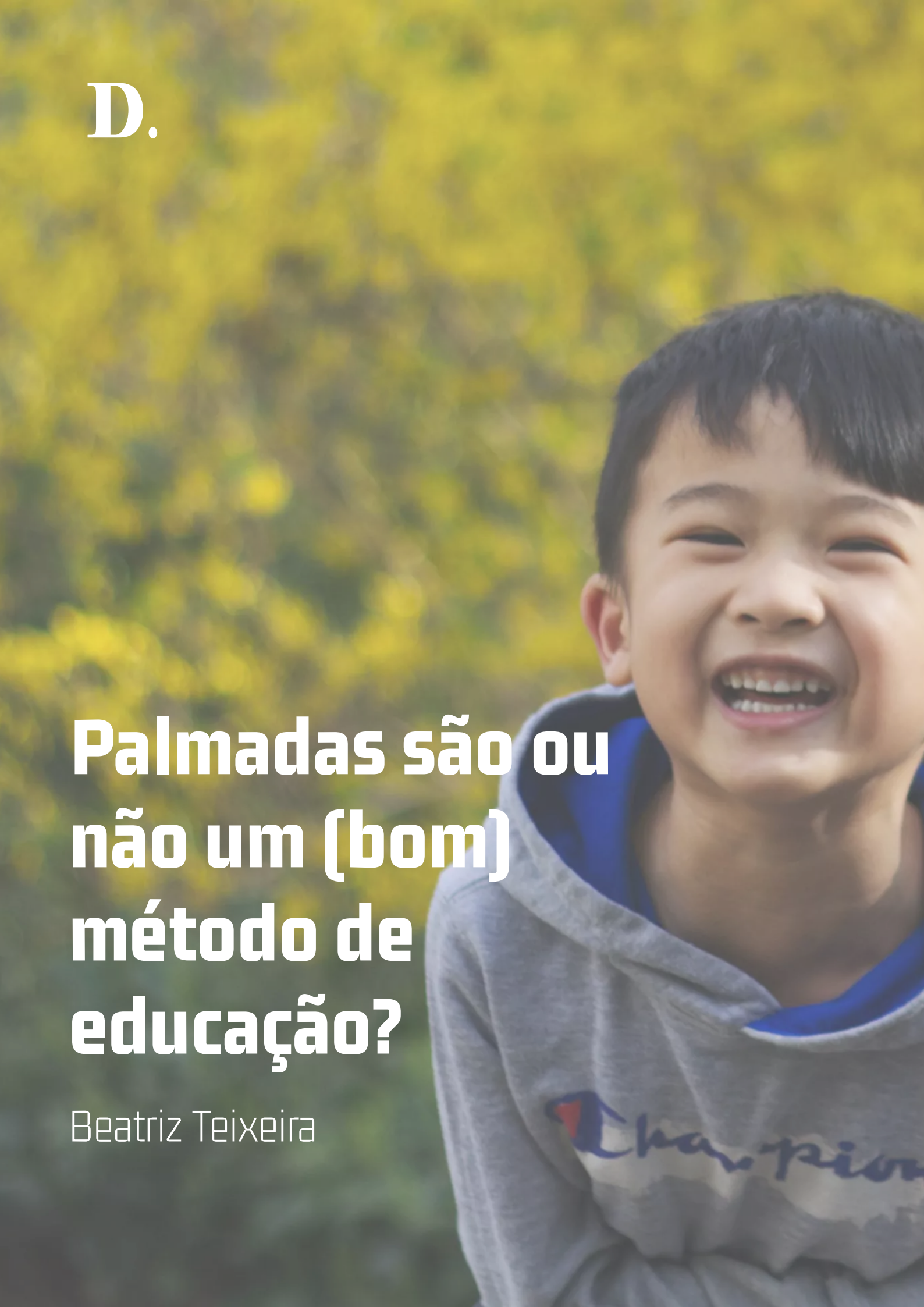
A atitude correta do aprendiz no contexto da Universidade é a disponibilidade, vontade e empenho para aprender. Aprender para se enriquecer em termos de conhecimento, para se tornar um bom profissional, para se desenvolver e evoluir como pessoa.

Quando a atitude é esta, a experiência demonstra que as boas classificações aparecem naturalmente, como um efeito colateral positivo, e que o conhecimento é adquirido definitivamente.

Agostinho Guedes

Faculdade de Direito da Universidade Católica

D.



Palmadas são ou não um (bom) método de educação?

Beatriz Teixeira

D.

Em todas as sociedades de que se tem conhecimento, quase todos os seres humanos vivem num ambiente pautado por direitos e obrigações familiares, e é durante a infância que os indivíduos aprendem a socializar, é aqui que os indivíduos começam a construir a sua personalidade, resultado do meio que habitam e da educação que têm. Passando assim a entender e a assimilar o modo correto de comportamento a ter. A família é uma importante peça de formação dos indivíduos. Existem várias instituições que contribuem para a formação do individuo, mas aquela que é a base e a mais importante (por regra) são os membros familiares mais próximos da criança, definindo assim o modo como esta vai interagir perante a sociedade.

(...) quase todos os seres humanos vivem num ambiente pautado por direitos e obrigações familiares (...)

Nos dias que correm vários são os assuntos que se encontram na ordem do dia, estando entre eles o grande dilema entre aqueles que defendem que uma "palmadita" não faz mal a nenhuma criança para a disciplinar e outros que não vêm este ato como algo que contribuirá para uma educação pedagógica.

Depois de muita reflexão e momentos de crítica a este assunto, decidi que a não utilização de violência, ainda que seja "apenas" uma palmada, é a melhor maneira de educar. Aquilo que para mim pode ser "apenas" uma palmada, para a criança pode ser muito mais que isso, existe uma subjetividade quanto à força utilizada para se castigar uma criança. Para além disso, a criança pode percecionar essa palmada de forma contrária à desejada pelos pais, isto é, se o objetivo dos pais é reforçar a sua autoridade, a verdade é que a criança pode deixar de ver os pais como uma figura de autoridade e passar a vê-los como uma figura inimiga, que os intimida.

(...) a criança pode percecionar essa palmada de forma contrária à desejada pelos pais (...)

A Academia Americana de Pediatria realça o facto de que os pais não devem bater nos filhos, os especialistas desta academia frisam que não existe o conceito de palmada pedagógica e defendem que usar violência para incutir um bom comportamento não é o mais indicado. Segundo o psicólogo Manuel Coutinho, secretário geral do instituto de apoio à criança, especializado em psicologia clínica e de saúde, as crianças sujeitas a tais intervenções tendem a tornar-se mais violentas, imitando igualmente no futuro o comportamento dos pais.

Existem também aqueles que defendem que estas técnicas parentais são mais punitivas, mas que podem ser mais eficazes a curto prazo. Por exemplo, uma criança que está a fazer uma birra num supermercado porque quer um certo brinquedo e os pais pretendem cessar tal

D.

comportamento de forma rápida (uma vez que se trata de um local público) ao optarem por dar uma palmada à criança podem conseguir calá-la mais rápido do que por via das palavras.

Acontece que no meu ponto de vista, a criança se não fizer ainda uma birra maior devido à dor da palmada, pode acabar por se calar e por parar de fazer esta birra porque reage com medo, não porque compreendeu o motivo, na maior parte das vezes do porquê daquela palmada e daquele comportamento não ser correto.

É comum ouvirmos que os pais "perdem a cabeça" face a gritos/ esperneios por parte da criança. É de realçar que não são situações fáceis e sendo estas não tão fáceis de lidar devemos enveredar supostamente pela via mais difícil também. Conversar. Respirar fundo. Explicar à criança o porquê de não puder fazer algo, mostrar-lhe o porquê dessa atitude ser incorreta. Devemos estimular os nossos filhos desde pequenos a pensar, a ter pensamento crítico.

Note-se que a educação pedagógica através do estímulo do pensamento crítico da criança deve ser feita ainda antes da criança ter uma atitude incorreta. É importante antecipar este tipo de problemas. Vejamos o seguinte exemplo: se os pais estiverem num restaurante a jantar com os filhos e na mesa ao lado haver uma outra criança que começa a chorar e a berrar compulsivamente, os pais podem aproveitar essa situação para tentar fazer com que os seus filhos compreendam que aquele comportamento não é correto. Acredito que isto poderá levar a que a criança no futuro pense, pelo menos duas vezes, antes de imitar tal comportamento. As crianças moldam-se e pretendem seguir modelos, para além de que crescem por imitação, por isso sentem também o desejo/ desafio de crescer e de se comportar da forma mais adequada.

É claro que quando uma criança está a chorar, a fazer as ditas "birras", se dissermos para parar, é normal que chore ainda mais. Mas penso que a educação entre pais e filhos é de certa forma semelhante à "educação" entre o legislador e a sociedade. Na medida que a principal função das penas é de prevenção dos crimes e só depois a punição dos mesmos, ou seja, a forma mais eficaz de evitar comportamentos errados é preveni-los e não puni-los. Daí a importância de antecipar possíveis birras das crianças para alertá-las do comportamento errado, ao invés de esperar que haja uma birra para castigá-los.

Ademais, as birras são parte do ser humano, no sentido que todos as fazemos, sejamos crianças ou adultos. A verdade é que os adultos por já terem uma maior experiência sabem reconhecer quais os momentos inoportunos para não as ter. Por isso, partilho a opinião de que as crianças por estarem num processo de construção de personalidade, seja normal fazerem mais birras do que os adultos, cabendo aos pais moldá-las, dando-lhe conselhos, tendo paciência, dando exemplos e esta psicologia infantil, faz com que a criança queira crescer e pense: "se isto está a ser incomodativo eu não quero estar a chatear, logo não vou fazer".

(...) as birras são parte do ser humano, no sentido que todos as fazemos, sejamos crianças ou adultos.

D.

É necessário que os pais se eduquem a si mesmos, para depois poderem educar os seus filhos.

Acho que as palmadas não são de todo o melhor meio para se atingir um determinado fim. E se perguntarem: e as discussões que foram provocadas pelo facto de não haver esta intervenção? Claro, que pode haver discussões, porventura até muitas discussões (dependendo da criança), mas acontece que essas discussões podem ser vistas como algo positivo, no sentindo que podem contribuir para que a criança desenvolva o seu contra-argumento, obrigando-a a estimular o seu intelecto.

Provavelmente daqui a 50 anos e se o nosso país continuar a evoluir como aconteceu com outros temas ("reguadas", o casamento gay, as barrigas de aluguer, o pai como chefe de família) parto do princípio que o pensamento da sociedade daqui a uns anos vai ser negativo em relação a esta problemática, não achando aceitável esta palmadinha. Atualmente, temos o exemplo dos países nórdicos onde em 1979 a Suécia, tornou-se o primeiro país do mundo onde o castigo físico de crianças foi oficialmente proibido tanto na escola como em casa.

Se um animal (exemplo: cão) consegue pelo tom de voz compreender que está a tomar um comportamento errado porque é que as crianças precisam desta intervenção com o uso da força? Sendo estas dotadas de racionalidade é muito mais fácil perceberem que um certo comportamento está errado pelo tom de voz em vez da "palmada".

É necessário que os pais se eduquem a si mesmos, para depois poderem educar os seus filhos. André Berge, pedagogo francês, defendia muito esta tese, dizendo "os defeitos dos pais são os pais dos defeitos dos filhos". Acredito que a educação é feita através de ensinamentos e não de punições, a chave para resolver o "problema" é trabalhando com ele e não contra este.



D.

A Cultura da Morte

Afonso Oliveira em Argumentação e Retórica



D.

Que fique muito claro: Este trabalho não irá ser um debate sobre quem tem razão, no tópico do que nos acontece no pós-morte. Não estou minimamente interessado em discutir se será mais plausível, em razão do juízo final, irmos para paraíso ou para o inferno, ou se, na próxima vida irei ser uma planta ou simplesmente nada existir.

Neste trabalho irei explorar a reação das pessoas perante a partida de um filho, esposo/esposa outro familiar ou amigo que tenha atingido a barreira que todos nós teremos naturalmente de cumprir: a morte.

(...) a barreira que todos nós teremos naturalmente de cumprir: a morte.

Seguro será dizer que o falecimento de alguém que amamos, é sempre incrivelmente difícil de ultrapassar, se é que tal seja possível e que todos teremos maneiras diferentes de lidar com esta verdade insofismável. E são exatamente essas "maneiras" que serão o foco desta reflexão, porque a verdade é que (pelo menos em Portugal e na grande parte dos países cristãos) o processo é sempre o mesmo. Ainda há menos de um mês experienciei, infelizmente, o falecimento do meu tio-avô (agradeço os possíveis pêsames, mas a verdade é que também não éramos muito chegados) e o funeral passou pelo processo de sempre: velório, funeral com missa, enterro, missa de 7º dia, missa de 30º dia. Acresce que predomina a cor preta e que a maior parte das homilias são extremamente teológicas e sem qualquer referência ao falecido.

Este processo está tão enraizado em países cristãos, que até parece difícil pensar noutras formas de fazer luto pelas pessoas que amamos e nos deixam (fisicamente), mas a verdade é que, em abstrato, há "1001 maneiras" de o fazer.

(...) o corpo do morto é cortado aos pedaços, deixado no topo de uma montanha para se tornar (eventualmente) parte da terra ou ser comido por abutres.

Repare-se nas cerimónias da Mongólia e do Tibete, onde o corpo do morto é cortado aos pedaços, deixado no topo de uma montanha para se tornar (eventualmente) parte da terra ou ser comido por abutres. Isto tudo para que o corpo "volte à natureza".

Este é apenas um exemplo, mas o suficiente para se entender quão diferentes são as vivências quanto à morte (mas não se preocupem, que mais virão).

Explorar-se-á então possíveis formas de relembrar os mortos, sendo que se irá fazer sempre uma especial comparação com o ritual dos portugueses (e outros países de matriz cristã), pois um dos objetivos também será avaliar, se poderíamos mudar algo na nossa maneira de viver esta fatalidade nas nossas vidas ou até, se necessitamos de operar uma mudança radical.

D.

Como já foi referido, o processo de exéquias fúnebres é sempre o mesmo, repetindo vezes sem conta a mesma estrutura, podendo dizer-se até que se tornou algo rotineiro e banal. Mas, a verdade é que constitui uma terapêutica para as pessoas que amam o *de cujus*, porque enfrentando uma situação muito complexa, que é o falecimento de um ente querido, o facto de existir todo um processo pré-estabelecido ao longos dos séculos permite ultrapassar melhor estes momentos críticos.



Velório do famoso piloto de F1 Ayrton Senna, em 1994.

Para muitas pessoas cumprir este ritual é vital para iniciar o luto e homenagear os mortos.

Para muitas pessoas cumprir este ritual é vital para iniciar o luto e homenagear os mortos. Este foi um dos problemas causados pela pandemia do Coronavírus de que pouca se fala. Especialmente no auge da pandemia, países como o Brasil, onde o vírus causou muitas mortes, por razões de saúde pública, viram-se obrigados, em muitos casos, a cancelar velórios e a enterrar em valas comuns sem identificação das pessoas e sem qualquer momento de despedida.

Os velórios apareceram com o objetivo de "vigiar" o falecido, de forma a ter a certeza que este terá, de facto, morrido. Ao longos dos anos o velório perdeu este significado originário, e hoje

D.

em dia, é utilizado para proporcionar momentos de despedida, partilhar histórias do falecido num processo de suportar a perda. O cancelamento deste evento, fez com os enterramentos e os funerais fossem diretos, sem velório, fazendo com que fosse muito mais difícil para as pessoas aceitar a perda e iniciar o processo de luto pela morte de um ente querido.

Em Portugal passou-se algo similar com a queda da ponte de Entre-os-Rios. O colapso da estrutura da ponte fez com que um autocarro que transportava mais de 50 pessoas, cujos corpos de muitos ainda não foram encontrados. Para muitos familiares o início do luto ainda está por cumprir.

Os funerais tornam-se uma rotina que muita gente utiliza, por ser a regra geral.

Isto demonstra a relevância que muita gente dá à exéquias fúnebre, constituindo para muita gente a única forma que as pessoas encontram para honrar o falecido.

O facto de a nossa sociedade ter adotado esta forma de homenagem e despedida dos mortos incomoda-me exatamente por termos algo pré-estabelecido. Os funerais tornam-se uma rotina que muita gente utiliza, por ser a regra geral. A verdade é que isto generaliza a morte, em vez de a "personalizar".

Sim, a morte é inevitável e faz parte do ciclo da vida e nesse sentido é geral, porque acontece a toda a gente. Mas, isto não quer dizer que a própria homenagem terá de ter sempre a mesma estrutura. Este *modus faciendi* retira o legado deixado nas nossas memórias, o que a vida perdida simbolizou para quem cá fica, na medida em que o submetemos a um processo pré-definido.

Olhemos então para um país diferente, um continente diferente que pega nesta ideia da "personalização da morte" e a aplica aos caixões dos mortos:



Fantasy coffin no Gana.

D.

Estes “Fantasy Coffins” são um exemplo de como se pode homenagear sem ficar preso nos costumes da sociedade e fazer algo especial por alguém que nos vai fazer falta.

Sim, acreditem, quando vos digo que isto é um caixão verdadeiro. No Gana, de forma a tornar o funeral especial, os chamados “Fantasy Coffins”, são caixões personalizados feitos à medida do falecido, influenciados por uma característica que o destacava. Neste caso o morto era um pescador, mas outros exemplos são: um caixão em forma de um maço de cigarros para um fumador; uma bíblia para um cristão ou um Mercedes-Benz para um homem de negócios, entre muitos outros inovadores e criativos que fazem jus à pessoa que faleceu.

Estes “Fantasy Coffins” são um exemplo de como se pode homenagear sem ficar preso nos costumes da sociedade e fazer algo especial por alguém que nos vai fazer falta.

Outro ponto que gostaria de tocar é o binómio: luto da morte vs. celebrar a vida.

É nestas duas ideologias que os continentes sul-americanos e europeus divergem radicalmente e onde as perspetivas sobre a morte são fraturantes.

Outro ponto que gostaria de tocar é o binómio: luto da morte vs. celebrar a vida.

Começando pelo tópico de “relembrar o morto”, o normal em Portugal passa por anualmente ser dedicado um dia pela igreja católica para prestarmos homenagem aos nossos ente queridos que já partiram (Dia de todos os santos/Dia dos fiéis defuntos). Essencialmente, a estrutura deste dia passa por fazer uma visita ao cemitério e assistir às celebrações litúrgicas. É um dia em que recordamos com saudade as pessoas, mas com muita melancolia à mistura. Em contraste, pegaremos então no México.

Filme Coco, lançado dia 22 de Novembro de 2017 dos diretores, Adrian Molina e Lee Unkrich.



D.

No trajeto pelas ruas da cidade, vai a sua família e amigos, acompanhados de uma banda de jazz e dança, encontrando assim um equilíbrio entre felicidade e luto, de forma a celebrar a vida de um ente querido.

O filme Coco, foi capaz de agarrar os corações, tanto dos fãs como dos críticos (8.4/10 no IMdb), com a sua exposição de um dos feriados mais conhecidos pelo mundo fora: Dia de los muertos, no México.

Um feriado que acontece no dia 2 de novembro, que celebra os ciclos da vida e da morte, fazendo uma homenagem direta àqueles que já partiram. Ao contrário do que se possa pensar, devido ao facto de considerarmos a morte como um estádio de luto, dificuldade e sofrimento, este feriado é incrivelmente frenético, vibrante e animado.

Nas casas, as famílias expõem as fotos e lembranças daqueles que já morreram (ver foto acima), de forma que estes nunca sejam esquecidos e consigam, neste dia, em forma de espírito, passar a barreira que separa a vida da morte para estarem com as suas famílias. Fora das casas, nas ruas, os mexicanos vestem-se de esqueletos, rodeados de festejos, danças e cores vibrantes, porque o objetivo do Dia de los muertos não é fazer luto, mas sim celebrar a vida dos já caíram para a maldição que nos é imposta no momento que nascemos.

Pensem no vosso Dia de todos os santos, celebrado anualmente pela igreja católica, e confrontem com uma festa (Dia de los muertos), onde as pessoas estão envolvidas num mar de cores que gritam alegria, paixão, energia, entusiasmo como é o caso do amarelo ou do vermelho.

Percebo, no entanto, que uma possível crítica ao facto de tornar a morte numa festa, seja privilegiar a festa, em vez do mais importante que é homenagear o morto. No entanto, defendo que celebrar a vida, em vez da morte, através de uma festa em que se relembre a pessoa que nos marcou a vida e que sempre estará nas nossas memórias.

Retomando as exéquias fúnebre, gostaria de falar e aprofundar um pouco mais o ambiente que podem ser criados nos funerais. Como já foi referido, o contraste de cores (preto e roxo de um lado, combinação do vermelho, amarelo, verde e quantas outras por outro) caracteriza desde logo o ambiente instalado, mas para rematar o corpo argumentativo deste trabalho, gostaria de mencionar outra forma de marcar o tom de funerais.

Desta vez, viajaremos para o Estado do Louisiana, nos Estados Unidos, mais especificamente a cidade de New Orleans. Cidade conhecida pela gastronomia, bares, os Saints (equipa de futebol americano) e um domínio incomparável do estilo musical, jazz. E esta última característica está intrínseca na grande parte dos funerais na cidade. Após a missa, o morto é transportado até ao local do enterro. No trajeto pelas ruas da cidade, vai a sua família e amigos, acompanhados de uma banda de jazz e dança, encontrando assim um equilíbrio entre felicidade e luto, de forma a celebrar a vida de um ente querido.

D.

A cultura da morte baseada na perda induz num luto muito difícil de aceitar e ultrapassar.

Antes de começar a minha conclusão, gostaria de deixar algo bem claro. O meu objetivo, não é de todo dizer que há maneiras certas ou erradas de fazer estas coisas. Acresce que cada um de nós tem a liberdade de escolher como homenagear as pessoas que ama e cada um tem a possibilidade de escolher que tipo de funeral quer ter (pessoalmente, gostaria de ser cremado ao som de Highway to hell dos AC/DC seguido, de bar aberto com música a acompanhar).

Com isso em mente, na minha opinião, a cultura da morte deve ter uma estrutura de celebrar a vida dos que já partiram, recordando com carinho os momentos felizes e marcantes que partilhamos.

A morte de outros e a nossa própria são inevitáveis, mas já que tivemos o privilégio de conhecer pessoas que nos marcam, sejam elas família ou amigos, porque não concentra-nos na vida que eles tiveram, em vez da sua morte!?

A cultura da morte baseada na perda induz num luto muito difícil de aceitar e ultrapassar. Ao invés, a celebração da vida dos que partiram permite-nos recordar que a vida acaba e que portanto a devemos viver com toda alegria possível, fazendo com que cada dia conte!!!

Na Indonésia, desenterram os mortos e mudam-lhes as roupas a cada certo tempo.



D.

Enquanto fintamos a Vida.

"Quantas lágrimas não verte a palavra dor! Eliminem a palavra Humanidade e ficaremos cobertos de pelo, num instante. E na palavra Liberdade é que somos livres, realmente.", assumiu Pascoaes. Talvez a palavra seja do mais real que conhecemos e, por isso mesmo, nos sobressalte – imperiosos como nunca.

Vencidos pela soturnidade da noite e pelo desalinho da vida: demasiado envolvidos na tarefa de esquecer o presente e o teto que sentimos cada vez mais próximo do chão. O pássaro azul de Bukowski fala-nos ao ouvido com uma lucidez deturpada e invernal – escondemo-lo no relógio, que toca cada vez mais alto, para que, de alguma forma, ele pare de tocar.

A primavera chega com a ingenuidade da criança que dá os primeiros passos sem saber o que está para vir; algum saudosismo nas árvores e no cheiro do ar da manhã. O rio corre e o verão é cítrico porque, no final das contas, tem que o ser e as tardes passam porque, no final das contas, têm que passar.

Enquanto acendemos a lareira, as folhas caíram e não reparámos nelas; os movimentos tornaram-se, de repente, bruscos e a atmosfera febril. Paulatinamente, sentimos o escrúpulo violento de um outono que, num sopro, se apagou. Parece que o azul e o cinzento se confundem; o vento empurra a persiana contra o vidro e somos meros espectadores do espetáculo. Os cães ladram e as galinhas fogem, como se o mundo acabasse.

No fim de uma escada, mingua o desassombro das noites inertes: resta-nos um ruído estridente em todo o lado. Afinal, a angústia é democrática e o desnorte nacional: o pássaro azul voltou a usar as palavras proibidas e não sabemos se o tememos ou se precisamos dele.

Sentimos que a manhã foi há muitos dias, mas, enquanto as palavras durarem, antevemos acordar na primavera porque, afinal, acreditamos que ela chega sempre. No entretanto, estaremos por aqui a fintar a vida, sempre que ela consentir ou desde que os músculos não nos falhem: não íamos saber perder a bola, que talvez nunca tenha sido nossa.

Maria Luís Gaspar

Aluna da Licenciatura em Direito

D.

Pudesse eu não ter laços nem limites
Ó vida de mil faces transbordantes
Para poder responder aos teus convites
Suspensos na surpresa dos instantes!

- *Sophia de Mello Breyner*



por **Marco Brites**

D.

O Sínodo

O Sínodo 21-23 como inspiração para todos nós .

Em outubro de 2021, o Papa Francisco convocou todos os batizados, a iniciar um caminho sinodal que terminará em 2023. Não é a primeira vez que o faz. Mas este Sínodo reveste-se de alguns contornos especiais. É um sínodo mais alargado na escuta do que os anteriores, i.e., prevê um tempo mais alargado e um envolvimento de uma base mais alargada de pessoas na fase inicial de escuta. E é um sínodo que tem como tema a sinodalidade, i.e., visa fazer caminho sobre a forma como a Igreja tem feito caminho. Parecendo uma redundância, não o é.

(...) significa caminhar pela mesma estrada, caminhar em conjunto.

A partir do significado de sínodo e de três elementos essenciais do seu processo, faço uma reflexão para os contextos do estudo, do trabalho e da profissão.

Sínodo, do grego synodos, significa "caminhar juntos" e, nas palavras do Papa Francisco, "significa caminhar pela mesma estrada, caminhar em conjunto". Isto não implica darmos todos os mesmos passos, mas que em conjunto caminhamos na mesma estrada. E da fase inicial deste processo, podemos aprender para contextos diferentes do da Igreja, como o do estudo, do trabalho e da vida. Podemos ver que fazemos caminho em conjunto com algumas pessoas, na organização onde estudamos ou trabalhamos, ou na profissão em que estamos e, também, com amigos e na nossa família. Caminho que é em si um espaço de encontro. O primeiro elemento essencial de fazer sínodo – encontro. E, na profissão, na organização e nos outros contextos enunciados, encontramos pessoas com quem nos identificamos, mas também outras que são muito diferentes, pela sua história, experiência e, até, pela sua forma de ser. Mas a oportunidade que temos de nos encontrar, no mesmo espaço e tempo, não deve ser desperdiçada. O Papa, no âmbito do Sínodo 21-23, desafia a criar espaços de encontro para repensar a Igreja. E também cada um de nós pode, a partir desta experiência ou inspiração, pensar como pode promover espaços de encontro em outros caminhos da sua vida. Encontro que não é um fim em si, mas um meio para os outros elementos essenciais do sínodo – escuta e discernimento.

D.

O encontro é, assim, um meio para a escuta do que o outro tem para nos dizer. E quando nos permitimos disponibilidade para escutar outros que têm mais ou diferente experiência ou que têm uma forma de ver diferente, então certamente aprendemos coisas diversas e compreendemos situações. E do encontro e escuta saímos mais conhecedores.

(...) apesar de a escuta nos trazer benefícios, ela não encerra em si o processo sinodal.

Mas, apesar de a escuta nos trazer benefícios, ela não encerra em si o processo sinodal. Encontro e escuta são meio e suporte para o discernimento. São passos essenciais para a necessária tomada de decisão, para se compreenderem escolhas e riscos, em função do que é melhor para a Igreja e o seu futuro. E, também, na nossa vida profissional ou pessoal, o encontro e a escuta devem ser colocados ao serviço das decisões que temos de tomar.

O sínodo sobre a sinodalidade é uma oportunidade para a Igreja e um enorme sinal de esperança para o mundo. É sinal de transformação, de adaptação ao que o mundo e a sociedade precisam e continuarão a precisar. Mas é também uma oportunidade imensa para inspirar a nossa vida. Para relembrar que quando promovemos o encontro com pessoas e colegas diferentes, no saber, na experiência, na visão, e os escutamos de forma aberta e sem preconceitos, então estaremos em condições de tomar melhores decisões para nós, para as organizações e para a sociedade. Certamente contribuiremos para um mundo melhor.

Sofia Salgado Pinto

Católica Porto Business School



D.

O ESPECTRO ESQUERDA-DIREITA

Hodiernamente, que sentido tem esta maneira de classificação de ideologias políticas?

por **Guilherme Marques e Silva**

D.

Na atividade política, verifica-se comummente a classificação de diversas forças ideológicas através da sua inserção num espectro de dimensão horizontal, variável entre esquerda e direita. Em diversos países e instituições, com paradigmas políticos fundados em preceitos e valores distintos entre si, esta classificação é amplamente usada nas discussões da vida pública, desde as que acontecem no parlamento e em sede das várias funções do Estado, passando pela academia, até às conversas que decorrem em situações mais informais, como os diálogos entre amigos e família.

Em termos de evolução histórica, é um conceito que tem vindo a assumir, desde o seu surgimento, diversos propósitos e morfologias.

(...) visões quanto ao que deve ser o papel fundamental do Estado e em fatores socioeconómicos.

Primeiro, com a Revolução Francesa, principiada em 1979, serviu para rotular os deputados da Assembleia Nacional, conforme o grau de poder que, constitucionalmente, queriam atribuir ao rei. Aqueles que consideravam que o monarca devia ser dotado de poder de veto absoluto sentavam-se à direita do presidente da Assembleia. Os que pretendiam que não houvesse lugar à interferência do rei nas decisões do poder legislativo sentavam-se do lado esquerdo.

Depois de, no séc. XX, se ter difundido mais sobejamente no paradigma internacional, tal catalogação esteve, em variadíssimos contextos, ao serviço de uma certa polarização social. Quer em países capitalistas, ou em estados do bloco comunista, esteve associada a uma divisão de ideologias muito assente em visões quanto ao que deve ser o papel fundamental do Estado e em fatores socioeconómicos.

Hodiernamente, a classificação esquerda-direita aparenta estar relacionada com questões que vão além da aceitação da mudança social materializada em revoluções, acontecendo isto devido aos novos contextos, e à diversificação de mundividências. Introduziram-se novos fatores na equação classificativa, tais como os posicionamentos face às relações internacionais, à imigração, à intervenção do Estado, quer na sociedade, quer na economia, à Natureza, ao estatuto das minorias nacionais, ao independentismo de regiões geográficas agregadas a Estados soberanos, entre outras coisas.

Com a sumaríssima análise à história desta dicotomia, dá-se ensejo para questionarmos se, face às circunstâncias hodiernas, fará sentido continuar a usá-la tão prementemente, e até se deve suportar o nosso processo de tomada de decisão política.

(...) a classificação esquerda-direita aparenta estar relacionada com questões que vão além da aceitação da mudança social materializada em revoluções (...)

D.

(...) o espectro esquerda-direita não é recomendável como um meio de se fazer afirmações taxativas e perentórias relativamente a ideários políticos (...)

Há que começar por ressalvar o facto de que, não obstante a feitura de estudos, no âmbito das ciências sociais, concernentes a esta classificação, constata-se, até da parte dos seus autores, a admissão da tremenda subjetividade imanente a este espectro, conferida pela visão do classificador quanto às variáveis. Assim sendo ficam goradas as ideias de que possa haver uma métrica exata para a classificação esquerda-direita. Destarte, será que as pessoas devem deixar que a sua posição percebida nesta dicotomia influencie as suas escolhas políticas de um modo tão vincado?

Acrescendo ao senão descrito supra, também se pode mencionar o desafio colocado pelas ideologias sincréticas, ou seja, correntes políticas que congregam opiniões associadas a cada um dos lados. Tal aglutinação tem um efeito de contrabalanço, algo que apropinqua tais ideários ao centro, independentemente das características que assumam. Isto leva a que ideologias como, por exemplo, o nacional-bolchevismo e o anarco-comunismo, que misturam posições extremadas, individualmente conotadas com a esquerda ou com a direita, ganhem a mesma catalogação que as posições moderadas, na medida em que, classicamente, são estas as designadas como centristas.

Tendo em conta tudo isto, o espectro esquerda-direita não é recomendável como um meio de se fazer afirmações taxativas e perentórias relativamente a ideários políticos, na medida em que acaba por limitar a um binómio algo que possui muito mais que dois aspetos.

Até pode ser uma ferramenta auxiliar ao cidadão indeciso, para que conheça um pouco mais sobre política, mas deve ser sempre tomada em consideração *cum grano salis*, pois não substitui o estudo aprofundado de cada uma das matérias que relevam para a res publica.

Mais do que se fiar em soluções fáceis para a tomada de opções políticas, cada cidadão deve ter a iniciativa autónoma de tentar saber de variados tópicos que afetam a sua vida e o bem-estar da sua comunidade, e tomar posições individuais para cada problemática com que se depara, com base nas ilações que tira de cada caso em concreto. Não se deve, então, fazer uma espécie de aceitação em bloco de tudo o que está conotado com a fação com a qual, mais à partida, nos possamos identificar. Portanto, mais do que votar num partido por se achar que está à esquerda ou à direita, deve-se votar num partido por causa da maior ou menor apropinquação às ideias que formulamos, advindas da tomada de posição consciente relativa aos desafios que enfrentamos diariamente enquanto nação.

Guilherme Marques e Silva

Aluno da Licenciatura em Direito

D.

Nuno Brochado de Agarez

Jornal Diurna.



João Cotrim de Figueiredo

A Personalidade em Destaque.

D.

João Cotrim de Figueiredo, Presidente da Iniciativa Liberal, entrou para a Política ativa em 2019. Durante dois anos cruzou os corredores do Parlamento sozinho, mas tal já não é mais verdade.

Quando conversamos, na Assembleia da República, encontra-mo-lo a trabalhar com a equipa que agora pretende demonstrar que "o Liberalismo funciona e faz falta em Portugal".

Inteligente. Muito bem preparado. Com um sentido de humor apurado. Acutilante.

Estes foram os adjetivos que melhor servem o propósito para descrever o Dr. Cotrim de Figueiredo, título esse de que abdicou ao primeiro minuto.

Que privilégio nesta última entrevista.

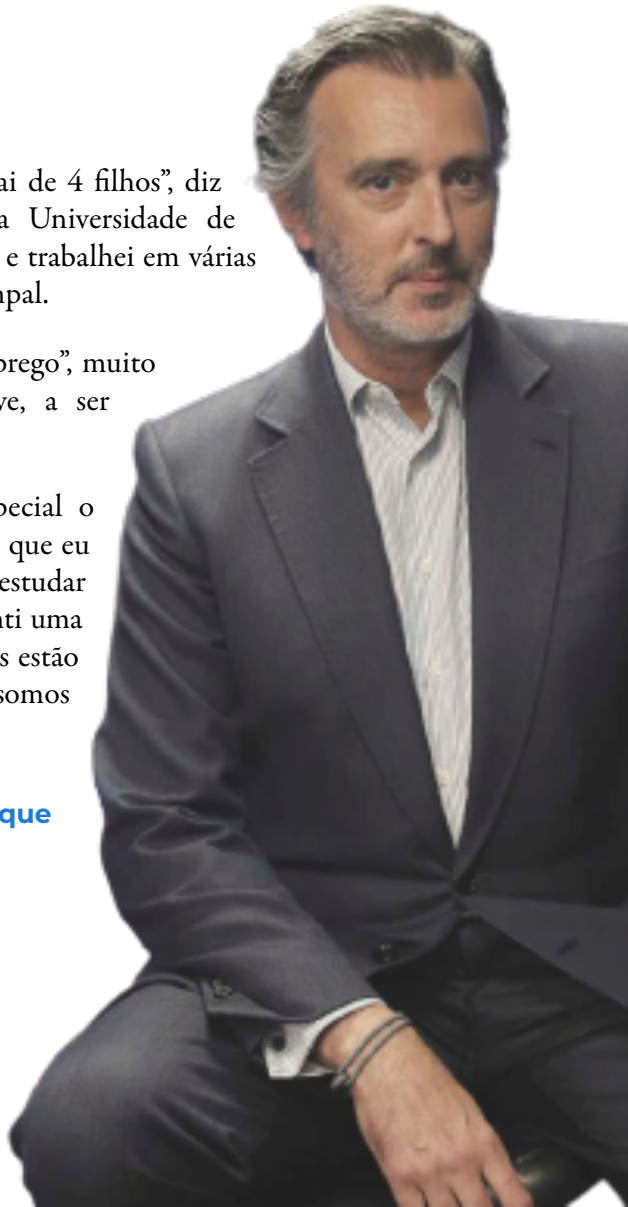
Quem é João Cotrim de Figueiredo?

Lisboeta de gema, "nascido em 1961, divorciado e pai de 4 filhos", diz com toda a assertividade. "Estudei Economia na Universidade de Londres. Depois do curso fiz um MBA em Portugal e trabalhei em várias empresas financeiras e industriais", entre elas, a TVI ou a Compal.

Descreve a sua vida, a partir de de 2005, como de "autoemprego", muito ligado ao mundo do empreendorismo. Chegou, inclusive, a ser Presidente do Turismo de Portugal. Isto, até 2019.

"Em 2019, dado um conjunto de circunstâncias, em especial o convite para integrar a IL, tornou-se evidente que o país em que eu vivia estava pior do que aquele que tínhamos quando eu fui estudar para fora. Isso foi uma enorme sensação de desilusão (...) senti uma pequena quota-parte de responsabilidade, porque se as coisas estão como estão, foi porque a minha geração não fez aquilo que somos capazes".

(...) o país em que eu vivia estava pior do que aquele que tínhamos quando eu fui estudar para fora.



D.

(...) explicar às pessoas o que é o liberalismo, explicar que não há "bichos-papões", explicar que os chavões que se atiram para a expressão "neoliberal" são não só exageros, mas erros (...)

Essa sensação ditou o seu rumo: "quis fazer melhor, quis deixar aos meus filhos um país melhor do que aquele em que estava".

A Política reformadora, em que se quer mudar algo para melhor, exige aos seus intervenientes uma certa consciência do seguinte, diz: "as pessoas ligadas à política devem ter um pouco esta noção. Não estou a falar do espírito de missão, num sentido de abnegação, de sacrifício, mas, antes, no sentido em que se devem sentir responsáveis por aquilo que acontece na sua vida e também pelo que se passa à sua volta."

É um homem prático e de ideias muito claras, Cotrim de Figueiredo: "as coisas podem-se mudar pela força, o que não é a nossa escolha, ou pelo sistema político e isso implica militar em partidos. Foi isso que acabei por fazer em 2019." E, assim, começa o percurso para chegar à liderança de um dos partidos que mais cresceu nas últimas eleições, em janeiro de 2022.

Numa lição mais ampla, demonstrou mais uma vez a sua mundividência baseada na liberdade e na responsabilidade individual: "temos que ser responsáveis por aquilo que acontece na nossa vida, às vezes temos influência direta sobre essas condições, outras temos uma responsabilidade indireta, mas mesmo nessa, não podemos achar que alguém vai fazer por nós."

A sua luta, confessa, não é a mais fácil, talvez por ser disruptiva. "Daí que tenha que ter começado pela base: explicar às pessoas o que é o liberalismo, explicar que não há "bichos-papões", explicar que os chavões que se atiram para a expressão "neoliberal" são não só exageros, mas erros, muitos deles até propositados."

"Temos a noção que estamos a fazer um trabalho político que só vai ter sucesso se for consistente do ponto de vista ideológico, e persistente, do ponto de vista do tempo."

É certamente uma maratona (...)

Perguntei-lhe se entendia, então, este processo como uma corrida ou uma maratona. "É certamente uma maratona, é algo que para as pessoas que cooperam com o partido, nem sempre é fácil de explicar. Temos muitas pessoas com vontade que as coisas acontecem rápido, e é preciso por vezes vir alguém mais velho explicar que a pressa é má conselheira. Formar atalhos é péssimo."

D.

"Hoje considero que podemos dizer que, dado o crescimento do partido, é notável. Já tentei dizê-lo de uma forma que não parecesse autoelogiativa, mas passar de 1 para 8 deputados fazendo política como a IL, é muito mais difícil, muito mais notável, do que passar de 1 para 12 deputados com outras formas de fazer política."

"Se há fenómenos políticos em Portugal, não são aqueles que fazem mais barulho, esse são os que impressionam com a intensidade da chama, e não com o calor que ela dá. Pode não parecer, mas temos um crescimento muito mais sustentado em ideias. E são as ideias que mudam o mundo, e não as berrarias."

É comum ouvir-se a crítica de como a classe política se fecha em si mesma, com poucas experiências alheias a esse palco. João Cotrim de Figueiredo não é, de modo algum, um protótipo dessa conceção. Não encaixa, pelo resto de todo o seu percurso. Acho. "Todas as classes e grupos têm vantagens diversas." É tudo uma questão de conseguir garantir a "diversidade de opiniões". "Qualquer organização que se feche sobre si própria, acaba por não conseguir resolver os problemas diferentes que vão aparecendo."

"Perguntam-me por vezes, se faz falta pessoas com experiência empresarial. Eu considero que sim, primeiro porque é uma raridade, e depois porque, desde logo, têm duas coisas que deviam ser comuns a toda a gente: uma noção de futuro, numa perspetiva dinâmica, o que inclui necessariamente uma análise estratégica do que vai acontecer ao nosso setor, aos nossos concorrentes, o que para o nosso país é crucial, e vejo muito pouco gente importada — o empresário não se pode dar ao luxo de não ter esta visão; e depois falta, vou lhe chamar assim, "literacia das decisões", que é quando alguém propõe uma app como a "StayAway Covid": qualquer empresário já sabia que aquilo não ia funcionar, e viu-se! As pessoas precisam de incentivos, a preocupação não pode ser impedir abusos (...) Não estou a dar carta branca aos abusos, aliás "máxima liberdade, máxima responsabilidade". Quem se aproveita da liberdade deve ser responsabilizado, não só penalmente, mas também socialmente."

Mas se os empresários teriam essa rápida perceção sobre a viabilidade das soluções, resta saber como é que se podem incentivar as individualidades do meio empresarial — que, por vezes, não raras vezes têm uma vida familiar e financeira estável, a vir para a política, que pode ser "menos simpática", em Portugal?

"Eu só posso falar por mim. Eu tive a consciência de responsabilidade, sem ser numa perspetiva de autoflagelação. Se ninguém estava a dar o passo necessário, eu fá-lo-ia. E rodos esses custos, se houve esse sentido de responsabilidade, estão lá equacionados." Quanto a atrair pessoas: é pelo exemplo. Infelizmente, talvez vos surpreenda, achava que iria ter mais pessoas a seguir o meu exemplo, mas acho que virão."

(...) passar de 1 para 8 deputados fazendo política como a IL, é muito mais difícil, muito mais notável, do que passar de 1 para 12 deputados com outras formas de fazer política.

D.

A sempre impressionante comunicação da IL!

Reconhecida como uma das ferramentas essenciais para o sucesso do movimento de conexão do partido com os eleitores, a comunicação é inovadora e chama a atenção.

"Tudo começou porque os temas eram importantes e quando um tema é importante por norma dá-se mais atenção. Mas isto é só o primeiro passo."

"O passo mais importante é o modo como nós intendemos a ação política."

"Se a ação política é no sentido de transformação, e se a transformação só pode ocorrer se tivermos voto. Temos de estar preocupados sobre como é o processo de decisão do voto de cada pessoa."

Houve uma muito inteligente súmula do processo de captação de eleitores que, desde a data da entrevista, já devo ter usado como argumento uma mão cheia de vezes: existem dois tipo de eleitores, os que já têm um partido e os que não têm. Os últimos são os mais fácies de conquistar, porque o movimento é de deslocação do vazio para a Iniciativa Liberal. Os primeiros requerem dois movimentos, sendo o primeiro particularmente difícil: sair da esfera de influência da sua opção habitual — um movimento — e, depois, escolher a nova opção — um segundo movimento.

"Não se consegue tirar ninguém de algo hereditário dizendo mal desse algo. Politicamente significa que te tens que afirmar pelo contraste. Para os que ainda não votaram, a componente estética, no sentido de identificável, torna-se rapidamente alvo de escolha, e só se pode votar numa coisa que se sabe que existe.

Se a ação política é no sentido de transformação, e se a transformação só pode ocorrer se tivermos voto. Temos de estar preocupados sobre como é o processo de decisão do voto de cada pessoa.



D.

Decidimos que só iríamos introduzir medidas que fossem boas medida e estivessem devidamente explicadas.

Ao mesmo tempo "temos uma noção que estamos a vender uma noção de sociedade, que é muito atraente, mais liberdade para que cada um viva a vida que quiser."

E será que se corre o risco de se ser demasiado simplista? "O único momento em que podemos correr esse risco é nos *outdoors*, porque não podemos colocar nenhuma descrição no mesmo. Nesses, o objetivo é despertar, gerar curiosidade. Depois apresentamos programas eleitorais com 600 páginas."

Já agora, "as 600 páginas não foram deliberadas. Decidimos que só iríamos introduzir medidas que fossem boas medida e estivessem devidamente explicadas. Tem FAQs, quantificações... Portanto, simplismo, acho que não temos."

A Iniciativa Liberal e os Jovens.

A propósito dos mais jovens, a Renascença apontava que 49% dos eleitores da IL têm entre 18 e os 34 anos, em 2022. Estimativas indicam-no, por isso, como um dos partidos mais jovens, em proporção, do nosso arco partidário, lugar esse que, em tempos, terá pertencido ao Bloco de Esquerda. Como é que se explica este fenómeno?

"Eu acho que há 2 coisas que funcionam bem. Primeiro dizemos aos jovens que confiamos neles, o que infelizmente não é uma coisa que se



D.

diga com muita frequência. E eles sentem, porque acreditamos mesmo. Porque podíamos estar muito melhor se os jovens não tivessem que emigrar, ou que cortar as asas."

(...) o modelo de sociedade que "pintamos" é um modelo de sociedade onde o mérito é recompensado, o que para quem está a começar uma vida, é hiper atraente.

"O segundo é porque o modelo de sociedade que "pintamos" é um modelo de sociedade onde o mérito é recompensado, o que para quem está a começar uma vida, é hiper atraente. No fundo, dar a oportunidade às pessoas de se sentirem realizadas. "

O eleitorado mais velho não só se caracteriza por um voto menos móvel como também por um certo imobilismo e estagnação quanto ao futuro do país. Nos jovens reconhece-se uma forma de estar mais disruptiva, mais dispostos a arriscar. O liberal sentado do outro lado da mesa partilha essa visão "mas acrescento um ponto".

"Todas essas pessoas que têm características de serem mais acomodadas já foram jovens. Não eram assim. Como é que se faz com que alguém tenha 20 anos para sempre do ponto de vista político? O que eu gostava que a nossa sociedade reconhecesse como válido é: envelhecer não é um processo biológico, é um processo mental, que se nota na aversão à mudança. Desta forma, acreditamos em "mudar este centro de gravidade" um bocadinho, e cremos que estes jovens continuem sempre liberais."

Este foco nos mais jovens, que têm sido mais adeptos da IL, pode ser uma oportunidade ou uma limitação, naturalmente, mas Cotrim de Figueiredo não o interpreta como a última. "Nem vejo que seja uma limitação. A menos que me digas que é impossível apelar aos menos jovens com as mesmas mensagens que consigo apelar aos jovens."

E poderão as mensagens ser as mesmas?

"Podem, eu digo diferente se houver tons diferentes, mas as mensagens têm que ser as mesmas. Nós somos um partido coerente. Vamos é com certeza, ao longo do tempo, desenvolver políticas mais específicas." Por exemplo, "ainda não estou satisfeito com a profundidade das políticas para a agricultura."

"Para mim é mais importante isto: eu não concebo uma sociedade onde não haja aquilo que se chama solidariedade intergeracional – eu, com 25 anos, não posso estar a leste dos problemas que o meu pai possa ter com a Segurança Social", e vice-versa.

(...) eu não concebo uma sociedade onde não haja aquilo que se chama solidariedade intergeracional (...)

D.

Primeiro, segundo e terceiro pontos: oportunidades.
(...)
Quarto ponto: habitação.

A sustentabilidade da Segurança Social, por um desequilíbrio entre salários e pensões notório ou o pela pirâmide demográfica invertida será, muito provavelmente, — ou pelo menos devia ser — um dos principais debates dos próximos anos.

"É daqueles problemas que se não é tratado de uma forma completamente estrutural não tem solução. Aliás, não é não ter solução, aquilo é uma equação matemática, no fundo, ou seja, solução tem sempre, não se gosta é do resultado. E este pode conduzir a uma desesperança ou um sentido de revolta social que politicamente é perigosíssimo."

De volta ao tempo dos jovens, exploramos os principais problemas para quem acaba a faculdade e está pronto para começar a trabalhar. "Primeiro, segundo e terceiro pontos: oportunidades. Um país que cresça e que proporcionalmente veja a sua oferta de oportunidades a aumentar. Um país que não seja conformista e que esteja sempre a fervilhar e gerar oportunidades. Ou seja, crescimento para poder criar oportunidades."

"Quarto ponto: habitação. É um problema que em muitos sítios tem sido visto como uma falha de mercado e é algo que nos preocupa sempre porque nós somos advogados da economia de mercado. E quando o mercado não resolve um problema durante tanto tempo e ele até tem estado a piorar..."

Soluções?

"Trazer imóveis mais depressa para o mercado – há muitos imóveis que existem e que estão desaproveitados — e boa parte deles do Estado", sendo a cidade de Lisboa um ótimo exemplo disso. "Quero ver o que é que vai acontecer agora aos ministérios que estão a transferir para a CGD."

E se é verdade que até se percebe a lógica de transferir todos para um sítio só, é igualmente preciso conhecer o destino dos restantes edifícios para evitar que fiquem abandono...

"Podia dizer-se o mesmo relativamente a quartéis militares", são uma ótima materialização deste problema.

"Temos imóveis que são do Estado, imóveis que estão devolutos e que seriam um bom incentivo para fazer crescer o mercado, porém, há toda uma massa enorme burocrática que impede que nesta relação oferta/procura se consiga incentivar o aumento da oferta ou baixa da pressão existente sobre os preços."

Quero ver o que é que vai acontecer agora aos ministérios que estão a transferir para a CGD.

D.

"Nós gostaríamos, e isto ainda está um bocadinho longe, que a lógica fosse a de que a generalidade das autorizações e licenciamentos tivesse a sua lógica completamente invertida. Temos um sistema com um grosso de pessoas e sistemas virados para verificar as condições para autorizarem a feitura das coisas e depois muito poucas dessas pessoas a fiscalizarem se (...) se as condições se mantêm. E acho que isto devia ser totalmente ao contrário. Deviam ser precisos muito poucos requisitos para ser autorizado ou licenciado o projeto, uma prova de confiança no cidadão — atualmente, parte-se do princípio de que todos são malfeitores." Mas há exceções nas quais devemos ser inflexíveis como "as regras básicas de segurança, que têm de se garantir que estão a ser cumpridas." Quanto ao resto, "assina-se um termo de responsabilidade, toma-se nota de tudo o que vai ser fiscalizado, não podendo alegar-se desconhecimento, e isto acelera muito a execução de projetos industriais, imobiliários, e depois dedicas as pessoas e os temas à verificação/fiscalização."

A Urbanidade e Ruralidade: o desafio.

O desafio de uma boa entrevista foi sempre, aos olhos do Diurna., o de tentar "provocar" os entrevistados. Desta feita: urbanidade e ruralidade. O quadro de eleitores da Iniciativa Liberal está muito focado nos grandes centros urbanos, ficando muito para trás nas zonas mais interiores do país. Quais é que podem ser os motivos?

João Cotrim de Figueiredo, também aqui, mostrou uma clareza da raciocínio e uma certeira pontaria nas suas respostas.



"Políticas no quadro da agricultura, políticas de coesão territorial, políticas de descentralização que à medida que forem sendo mais aprofundadas e promovidas nas pessoas, vai ter mais relevância para esse eleitorado. Mas para terem relevância é preciso serem conhecidas. E é aí que vem o segundo fator: a televisão. Nós temos facilidade em chegar ao eleitorado urbanos porque damos a volta à televisão. Mas temos tido pouca televisão. Não me queixo. É uma contestação e se calhar é normal. Estudos mais recentes também indicam os meios que influenciaram as decisões de votação e a televisão, em Portugal, continua a ser esmagadora, ao contrário de muitos países em que campanhas eleitorais podem ser feitas de outras formas. Para efeitos daquilo que estamos aqui a

D.

discutir, faz muita diferença. Na parte de fazer chegar a mensagem precisamos da televisão: temos mais deputados, mais pessoas a falar. Ganhámos tempo de antena."

(...) ter consciência das coisas que podem mudar depressa e daquelas que não.

A par disto temos que "ter consciência das coisas que podem mudar depressa e daquelas que não. Esta presença na televisão (...) também nos compete a nós, sem ingressar por atalhos e sem recorrer a simbolismos excessivos, criar esses momentos que temos em televisão. Mas querer à pressa, quase postiçamente, tornarmo-nos híper relevantes para a ruralidade, sem ter outras maneiras de tornar isso efetivo, acho que é completamente inconsequente."

Repescando o tema do impacto das políticas para os jovens:

"A tal transformação da sociedade, de forma pacífica, política, tem uma componente social e é um bocado isto. Os partidos têm a obrigação de no edifício legislativo e conceptual, alterar as coisas que permitam que o sistema vá mudando. Mas isso serve de pouco se, por baixo, as pessoas da sociedade civil não exigirem dos mesmos serviços e do mesmo aparelho o comportamento que nós contratamos, na esfera legislativa, por cima. Portanto, é um misto da pressão política e social que se faz a grande transformação que obrigam os aparelhos e as camadas intermédias a adaptarem-se àquilo que a sociedade efetivamente quer. Expressa pelo voto popular, assente na vontade quotidiana."

"Portanto, quando perguntam o que podem fazer por nós: sejam esta parte da peça. Exijam, não se conformem. Façam barulho, bom barulho."

(...) quando perguntam o que podem fazer por nós: sejam esta parte da peça.



D.

A nova Legislatura.

A propósito desta legislatura que começou há pouco, todos os indicadores apontam que podemos estar na iminência de uma nova crise, sendo que muitos desses efeitos já se sentem, por via da inflação, subida das taxas de juros, re-arranjos geopolíticos, etc.. Não sabermos de o tipo, a forma, a duração ou as implicações é um fator de dificuldade que se adiciona à equação. Será que isto vai pôr na mesa a necessidade do liberalismo ou, pelo contrário, vai obrigá-lo a ficar na prateleira, à espera, porque é preciso uma intervenção (ainda mais) rápida do Estado?

(...) dos países que tiveram necessidade de fazer este tipo de apoios, os que reagiram melhor foram aqueles que tinham políticas liberais.

"Até os liberais defendem apoios de intervenção do Estado. Se não for nestas alturas para que é que o Estado serve?"

"O Estado existe pela vontade dos cidadãos e, portanto, se estas disrupções da guerra, da pandemia, exigirem determinados tipos de apoios — e cá estaremos para ver quais os que fazem sentido ou não —, vamos sempre encará-los como função do Estado não deixar que os seus cidadãos entrem em estado de necessidade extrema. Uma coisa é certa, dos países que tiveram necessidade de fazer este tipo de apoios, os que reagiram melhor foram aqueles que tinham políticas liberais."

"Enquanto Portugal não resolver o problema do crescimento, vamos estar a discutir isto em quase todas as matérias, incluindo as das emergências."

Na prática, o que podemos esperar do Grupo Parlamentar da IL, durante esta legislatura?

Enquanto Portugal não resolver o problema do crescimento, vamos estar a discutir isto em quase todas as matérias, incluindo as das emergências.

"Ainda é difícil ver a legislatura toda mas, no imediato, gostava que houvesse uma comissão parlamentar que acompanhasse o assunto da execução do PRR; gostava que o sistema eleitoral fosse revisto para duas coisas — uma bastante possível e necessária, a outra ainda mais necessária, mas talvez menos fácil: o tema do voto dos portugueses que vivem no estrangeiro e outra é a representatividade dos votos que em Portugal não contam para nada.



D.

Ainda é difícil ver a legislatura toda (...)

Terceira coisa, gostava muito de testar a suposta disponibilidade do PS para o diálogo em matérias de saúde."

Quer isto dizer que se pode revistar a Lei de Bases da Saúde, amada por uns e odiada por outros?

"A Lei de Bases da Saúde vamos tentar que seja discutida. Aliás, nós vamos propor uma Lei de Bases da Saúde mais tarde ou mais cedo, mas não é onde eu acho que haja mais ganhos prováveis. Mas há muitas matérias, por exemplo a reativação dos PPPs, a introdução de cuidados de saúde familiar tipo B e tipo C — as primeiras já existem, mas as últimas nunca chegaram a existir — (...). Há uma série de coisas que se podem pensar, que ficam muito aquém daquele que é o nosso projeto da reforma estrutural do SNS, mas que introduzem alguma capacidade de escolha das pessoas e que introduzem alguma concorrência dentro do sistema. Creio que tudo isto será inevitável para uma diminuição das listas de espera e uma melhoria na qualidade dos serviços.

"

Na Casa da Democracia, pelos corredores intermináveis e labirínticos, conversei com João Cotrim de Figueiredo. Como em todas as outras entrevistas, acredito ter ganho mais mundo. Ganhei um (ainda maior) respeito e admiração pelo meu entrevistado.

Esta foi, assim, a minha última entrevista à frente do Jornal Diurna.

A este e a todos os outros convidados que me ofereceram um pouco do seu tempo para conversarmos, obrigado.

N. B. A.



D.

Ucrânia!

A Guerra na Ucrânia atinge tudo e todos.

A agressão russa começou a 24 de fevereiro, ignoramos quando poderá terminar. Porém, já sabemos, porque estão perante os nossos olhos, os impactos do conflito, locais (muito graves), regionais (muito graves) e globais (muito significativos). Esta, a primeira lição: nada do que se passe no plano interno tem ou pode ter consequências tão profundas como aquilo que ocorre no plano internacional, por muito que finjamos acreditar que, no nosso quintal, temos o Mundo.

O conflito enquanto tal, e as respostas ao conflito (por exemplo, as contramedidas de muitas e variadas naturezas já adotadas contra a Rússia), mais a movimentação de todas estas placas tectónicas e relações de poder, refletem-se, e de que maneira, na vida de cada um. Pela insegurança, pelo medo que resulta da "proximidade", pela afetação de alguns mercados, pela perturbação das relações internacionais que acaba por resultar em perturbação dentro dos Estados.

É assim a vida: no plano internacional, a cooperação entre todos (em especial, no que se nos refere, na União Europeia) garantiu uma resposta incrivelmente rápida à pandemia da COVID-19. Mas, mal refeitos dessa tragédia, surge outra. Muito mais clássica, quase tradicional.

(...) percebamos hoje com mais nitidez a tragédia que seria a sua ausência como mecanismo de regulação.

O direito internacional tem sido aplicado e discutido, de forma intensiva, e talvez percebamos hoje com mais nitidez a tragédia que seria a sua ausência como mecanismo de regulação. Verdadeiramente, não é a violação do direito que o destrói. É, isso sim, a ausência de reação comunitária em casos como este, de especial gravidade, que atacam a norma fundamental que proíbe o uso da força para subjugar o outro ou para capturas territoriais.

D.

O que se passa para lá das fronteiras, digo-o novamente, reflete-se intramuros.

A resposta dos Estados europeus e da NATO é importante, com "utilização" rigorosa do direito como forma de sancionar o infrator, e de apoiar a vítima. A posição da Assembleia Geral, onde por duas vezes uma esmagadora maioria de Estados disse presente na condenação inequívoca da Rússia, e depois disse outra vez presente quando tomou a decisão de a suspender do Conselho de Direitos Humanos por violação grave e sistemática de direitos humanos, honra as Nações Unidas. Principalmente, serve de testemunho claro sobre a importância de normas internacionais que garantam a convivência entre Estados e proíbam a selvajaria, esteja ou não o Conselho de Segurança bloqueado pelo direito de veto neste tipo de situações.

Há mais: a reação sistemática a esta violação brutal da integridade territorial e soberania da Ucrânia reforçou a União Europeia que, por outro lado, se tem mostrado protagonista na resposta organizada às violações cruéis do direito internacional humanitário e à prática de crimes de guerra e de crimes contra a Humanidade no decurso deste conflito. Espero que toda esta força seja duradoura e a organização adquira envergadura como ator internacional, aquilo com que sempre sonhou. Vamos ver, Roma e Pavia não se fizeram num dia.

O que se passa para lá das fronteiras, digo-o novamente, reflete-se intramuros. O internacional é agora uma mera referência conceptual, apagada que está a distância que atenue os impactos ou eliminadas que estão as barreiras territoriais. É esta a altura para ver que o direito internacional não é coisa de longe. É coisa de todos os dias, de todas as circunstâncias, de todos os efeitos.

Vão, por favor, encher o depósito do carro, ou passem pelo supermercado; ou vejam como uma guerra em sítios que quase todos desconheciam pode causar, ou pelo menos ameaçar causar, terramotos políticos e a subida de poderes extremistas em sociedades que viviam tranquilamente as suas democracias. Alguém, por exemplo, duvidará da "influência" que a guerra teve nas recentes eleições na Hungria? Alguém porá em causa que o tratamento "diferente" da UE relativamente a este País e à Polónia tem na sua origem imediata as posições quase opostas que ambos adotaram neste conflito?

As questões internacionais? Não, corrija-se, já não há questões ou temas internacionais. Há, isso sim, muitos temas e áreas que já nem existem "autonomamente" se não forem internacionais. Tudo pode ser interno, claro. Mas só se for compatível com uma leitura internacional.

O que se passa para lá das fronteiras, digo-o novamente, reflete-se intramuros.

José Azeredo Lopes

Faculdade de Direito da Universidade Católica

D.

Crónicas da Atualidade

Eneide Seixas | Bárbara Saraiva

Católica Policy Society



D.

DIREITO À VIDA EM TEMPOS DE GUERRA.

Ao longo da história, deparamo-nos com diversos conflitos onde a moral e a ética não têm espaço. A mais recente invasão à porta da Europa, não é exceção. Questionamos, uma vez mais, o valor que é atribuído à vida em tempos de guerra. Será o direito à vida inviolável e incontestável para todos?

Pelo menos, segundo os artigos 1º e 3º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, sim. Nos referidos artigos podemos ler que: "Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade." e, ainda que, "Todo o indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.", mas será isto o que acontece na realidade?

A disparidade real dos direitos que estão realmente garantidos entre as várias nações parece contradizer que são, efetivamente, para "todos os seres humanos" de igual forma.

UMA GUERRA SILENCIOSA.

Segundo dados da ONU, é no Iémen que encontramos a maior crise humanitária do mundo. Desde que se instaurou uma guerra entre o governo, apoiado pela Arábia Saudita e pelos Emirados Árabes Unidos, desde 2015, e os rebeldes Houthis, apoiados pelo Irão, o conflito tem sido marcado por claras violações aos direitos humanos.

A guerra iemenita matou cerca de 377.000 pessoas, direta e indiretamente, e acentuou a fome e miséria em todo o país. Estatísticas alarmantes apontam que 82% da população necessita de ajuda urgente para colmatar necessidades básicas, pelo menos 360 mil crianças sofrem de malnutrição aguda e 30 mil morrem apenas por falta de acesso a cuidados de saúde.

Além da enorme violência dos conflitos armados, com o início da guerra, a existência de meios de subsistência e de capacidade de adquirir alimentos por parte das famílias ficou integralmente comprometida.

O preço médio dos alimentos aumentou cerca de 150% e, em 2018, os combustíveis registaram uma subida de 200%, afetando gravemente os setores da agricultura, abastecimento de água, transportes, eletricidade, saúde e saneamento básico.

D.

QUANTAS VIDAS VALE UMA GUERRA?

Este ano deparámo-nos com um novo conflito, que contribuiu para agravar as fragilidades das relações internacionais, mas também para nos questionarmos acerca da real funcionalidade das organizações e acordos internacionais. Com a invasão do território ucraniano pela Rússia, desde 24 fevereiro, a NATO tem procurado apoiar a Ucrânia de diversas formas e, ao mesmo tempo, tenta evitar um confronto militar direto que, eventualmente, possa culminar numa III Guerra Mundial. Uma das preocupações principais (e bem) é criar condições para receber os civis, que fogem da guerra, nos vários países que se prontificam a tal. Com o objetivo de que estas pessoas possam sair em segurança, tornou-se primordial criar corredores humanitários. Ou seja, zonas temporárias e desmilitarizadas, que se destinam a permitir que a ajuda humanitária chegue ao local da guerra e/ou os civis saiam de lá.

Mas, apesar das ações corretas e rápidas que a NATO tem tomado, esta frenética envolvência e prontidão a criar soluções, que vão ao encontro do respeito pelos direitos humanos, nomeadamente, a preocupação com o movimento dos refugiados, não parece congénere a todas as regiões de guerra.

A NATO é constituída por 30 países membros, mas conta com diversos parceiros. Destas parcerias podemos destacar: 20 países com Parceria para a Paz (incluindo a Rússia e a Ucrânia), 7 países do Diálogo Mediterrâneo, 4 países da Iniciativa de Cooperação de Istambul, 9 países como parceiros globais e por fim, parceria com organizações internacionais como as Nações Unidas, a União Europeia e a Organização para a Segurança e Cooperação na Europa. Neste âmbito, Martin Griffiths, subsecretário geral da ONU para Assuntos Humanitários, dirigiu-se ao Conselho de Segurança das Nações Unidas, alertando que o financiamento para ajuda humanitária no Iémen é "sem precedentes".

Segundo este, "as agências de ajuda ficam rapidamente sem dinheiro" e no final de janeiro, "quase dois terços dos principais programas de ajuda da ONU foram reduzidos ou encerrados". De reforçar ainda que, no final de dezembro, o Programa Mundial de Alimentos foi forçado a reduzir a ajuda ao Iémen, porém a fome não parou de aumentar. Dito isto, é de questionar a ironia de quando se defende tanto o direito à vida e à igualdade, mas a solidariedade destes países parece conhecer limites (fronteiriços, talvez).No fundo, resta questionar, continuarão estes países, que tanto apelam à paz e ao fim da guerra, parcialmente coniventes a tais atrocidades? Os números de feridos, mortos e doentes são drásticos. O Iémen não pode esperar, mas parece ter sido esquecido.

D.

LIBERDADE, IGUALDADE E FRATERNIDADE.

Somos a geração das hipocrisias, do politicamente correto, do não ofender, excluir ou marginalizar. A banalização do mais simples ato à vida em si. Segundo a Declaração Universal dos Direitos do Homem (cfr artigo 1-10), retiramos a ideia que todas as pessoas tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal. O ideal é a igualdade e a justiça num sistema universal e igual para todos. No entanto, deparamo-nos com uma realidade diferente, com uma humanidade preconceituosa, cheia de estigmas e que insiste em repetir, constantemente, os erros do passado. A vida que devia ser supra e inviolável só o é para alguns, a lei não é de todos e, certamente, não é para todos. Somos a geração que sonha ir a Marte, mas que não consegue garantir a aplicação dos direitos do Homem de forma universal. Queremos ir a Marte, mas temos refugiados que morrem em alto mar, maternidades a serem bombardeadas, crianças a morrer à fome.

Quanto vale uma vida? É imensurável.

D.

OS DESAFIOS DO SETOR IMOBILIÁRIO

A ODISSEIA DE COMPRAR UMA CASA EM PORTUGAL

O setor imobiliário nacional está numa fase desafiante. Por um lado, do ponto de vista da procura, há um crescimento acentuado, nacional e estrangeiro e mantém-se uma oferta escassa.

Em 2022, provavelmente, apenas 10% das casas vendidas serão unidades licenciadas no ano e as demais, usadas ou executadas em anos anteriores que ficaram por vender (poucas).

Já novas nacionalidades têm vindo a investir em Portugal, visando muitos cá viver, nomeadamente oriundos dos EUA. Neste contexto, o aumento do número de habitantes de várias origens, idades e experiências é enriquecedor para Portugal e um potencial motor de crescimento com valor acrescentado.

O setor imobiliário está numa fase desafiante (...)

Já no lado da oferta, são muitos os desafios a vencer, nomeadamente estruturais e conjunturais.

Nos estruturais, os dois principais são óbvios – a dificuldade, morosidade e imprevisibilidade do licenciamento urbanístico, assim como a alta taxação que incide sobre o imobiliário residencial (impostas, taxas, compensações, licenças, etc.). De facto, na maior parte das Câmaras Municipais ainda se demora demasiado tempo a licenciar um projeto, levando a que, entre a compra e a entrega de um apartamento concluído e licenciado se tenha consumido 6 a 9 anos! Em relação à fiscalidade, apesar do direito à habitação ser um direito consagrado na nossa Constituição, é neste segmento que mais impostos se paga (desde logo, o IVA é um custo efetivo).

D.

(...) na maior parte das Câmaras Municipais ainda se demora demasiado tempo a licenciar um projeto (...)

Relativamente aos desafios conjunturais, o mais relevante e óbvio é a instabilidade dos preços das matérias-primas que leva a um aumento do custo da construção e imprevisibilidade do custo final. Este problema, poderá levar a que várias obras não tenham início na data prevista, contribuindo para a escassez da oferta e, consequente, aumento dos preços. Destaque ainda para o tema da escassez da mão-de-obra, havendo amplo debate sobre se, é um problema conjuntural ou estrutural. Pessoalmente, acho que é estrutural, já que existem cada vez menos recursos humanos a trabalhar no setor tradicional da construção e, desta forma, o setor deverá transformar-se a curto e médio-prazo: da construção on-site para uma construção essencialmente off-site, fabril e montada no final, no local. Assim será possível gerar emprego mais qualificado, melhor remunerado e de proximidade entre o local de emprego e de residência.

(...) o mais relevante e óbvio é a instabilidade dos preços das matérias-primas (...)

Associado a isto, teremos cada vez mais, uma transferência da construção em madeira, em detrimento do betão. Construção mais amiga do ambiente, mais eficiente em múltiplos domínios (água, energia, conforto, resistência ao fogo, captura de C02) e mais fácil de produzir excecionais habitações com design customizado, mas modelares. Para os mais jovens, considerando que a falta de oferta e a fiscalidade são as duas principais causas do aumento dos preços, será essencial criar programas atrativos, primeiro de arrendamento e depois para compra de casa.

Importa ainda sublinhar que compete ao Estado promover legislação coerente, simples e estável, criando condições para que haja um verdadeiro arranque dos programas de built-to-rent que por todo o lado acontecem, exceto em Portugal.



Vanguard Properties

José Cardoso Botelho

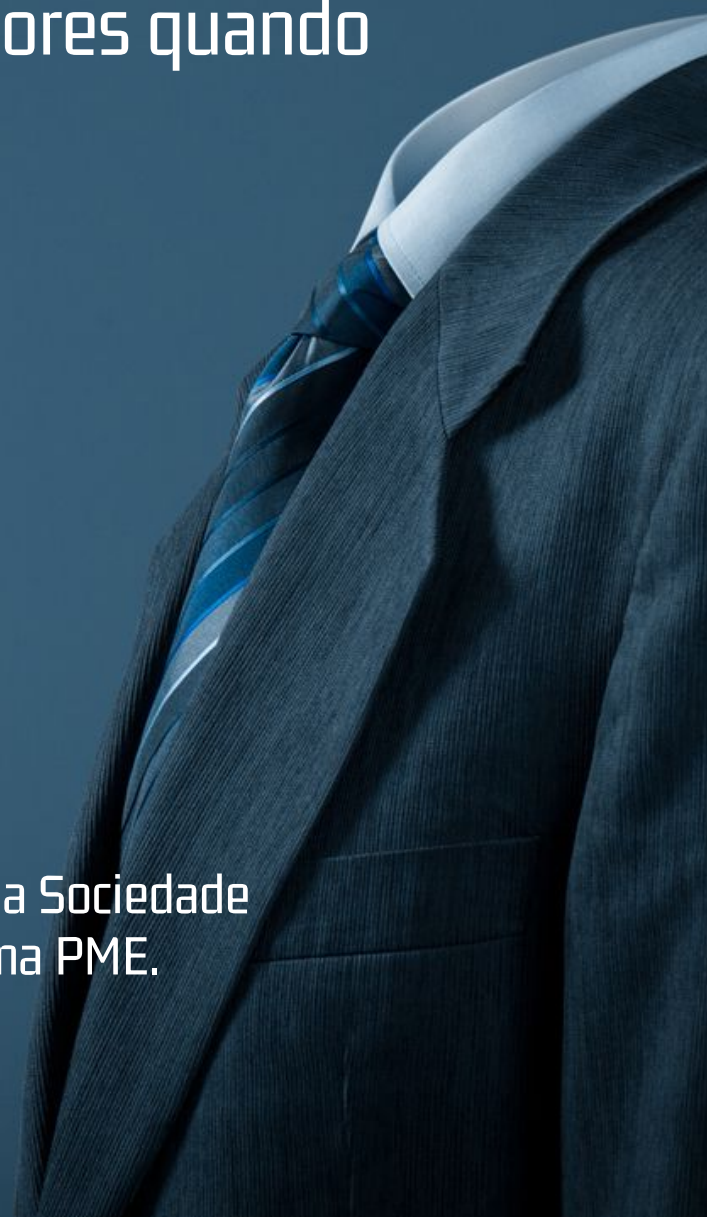
CEO - Vanguard Properties

D.



“ESTAMOS A RECRUTAR!”

O que atrai os empregadores quando procuram talento?



Falamos com representantes de uma Sociedade de Advogados, uma Consultora e uma PME.

D.

O que significa ser advogado na Morais Leitão?

Numa sociedade de advogados a crescer como a nossa, há espaço e abertura para uma grande diversidade de pessoas, com origens e experiências diferenciadas.

Em comum, procuramos nos nossos advogados determinadas competências profissionais: um interesse genuíno pelo direito e pela sua aplicação a problemas e situações concretas, um espírito curioso e colaborativo, aberto à crítica e ao trabalho de equipa, e uma real disponibilidade para apoiar os melhores clientes no desenvolvimento do seu negócio.

E, acima de tudo, procuramos reunir as pessoas mais íntegras, que contribuem diariamente para um ambiente e cultura de trabalho saudáveis e empenhados, que destacam o melhor em cada indivíduo.

Joana Almeida

Sócia | Diretora de Pessoas

D.

A PwC rege-se por valores que devem estar presentes em qualquer candidato que aqui pretenda trabalhar. Considerando que o nosso objetivo é construir confiança na sociedade e resolver problemas importantes[1], é fundamental que os nossos colaboradores tenham vontade de se envolver nos diferentes projetos, sentindo-se parte de uma nova "community of solvers", que trabalha de forma integrada com todas as linhas de negócio.

O desafio de abraçar esta "new equation"[2] exige que os nossos colaboradores combinem criatividade, com experiência e inovação tecnológica, sendo assim capazes de dar resposta aos desafios dos nossos clientes e das comunidades em que nos inserimos.

Orgulhamo-nos igualmente da aposta que fazemos nas nossas pessoas, motivando-as diariamente para que se superem e evoluam pessoal e profissionalmente de forma sustentável, pelo que vontade de aprender e resiliência são essenciais.

Francisco Ancêde

Tax Director

1. https://www.pwc.pt/pt/quem-somos/os-nossos-valores.html
2. https://www.pwc.pt/pt/the-new-equation.html

D.

Cada organização, seja PME ou uma grande empresa, tem a sua própria cultura e a diferença de culturas marca em alguns aspectos o perfil que a ela mais se adequa. Por vezes, dentro da própria organização, podem existir diferentes perfis dependendo da função ou até mesmo da cadeia hierárquica à qual o candidato venha a responder.

De qualquer modo, alguns requisitos são essenciais para qualquer função ou organização.

Desde logo a competência e capacidade técnica para o desempenho da função à qual se candidata.

Depois, terá de ser resiliente, uma vez que nas PME, por vezes, surgem dificuldades naturais que é necessário estar preparado para lutar e persistir para as conseguir ultrapassar. Tem de ter capacidade de aprendizagem e adaptação à nova realidade que é uma empresa em contraponto com a academia.

Por fim, e esta é uma característica pessoal que valorizo muito mas nem todos os gestores pensam de igual modo: Personalidade forte para poder defender as suas próprias ideias sabendo, ainda assim, que a decisão final pode ser oposta. Lembrem-se disto: para contratar um "yes-man or woman", a empresa faria melhor poupar o dinheiro desse salário.

Fernando Carvalho

Administrador de PMEs

D.

De Lisboa ao Porto e vice-versa.

O Intercâmbio entre as Escolas de Direito da Universidade Católica





D.

O CONFORTO EM MUDAR.

Desde que me lembro tenho vindo a desenvolver uma curiosidade pelo desconhecido, que me tem levado a procurar novas experiências, lugares e pessoas. Para mim sempre foi sobre ir e descobrir o que existe por esse mundo.

Aos 18 anos, vim de Tavira para o Porto, estudar e viver. Escolhi o Porto guiada pela intuição que me dizia que me ia apaixonar pela cidade (o que aconteceu). Mas porque era também um desafio: um sítio longe de casa e onde não conhecia ninguém.

Contudo, após três anos no Porto, voltou a surgir a necessidade de um desafio, de conhecer algo novo, de mudar. Dada a incerteza da evolução da crise pandémica pela Europa e pelo mundo adiei o plano de uma experiência internacional e candidatei-me ao programa de mobilidade nacional para estudar em Lisboa.

Durante o último semestre frequentei a Faculdade de Direito da Universidade Católica de Lisboa. Foi uma experiência que exigiu alguma capacidade de adaptação, quer a nível do quotidiano, quer a nível académico, e consequentemente contribuiu em larga medida para o meu desenvolvimento pessoal.

José Saramago dizia que somos seres de procura, que aquilo que nos caracteriza é a necessidade de procurar caminhos diferentes e descobrir o que é ser-se um ser humano. Por isso, quando permanecemos no mesmo sítio e recusamos a ideia de enfrentar o desconhecido, tendemos a estagnar.

É através da viagem que transformamos o desconhecido em conhecido, é através dos diferentes caminhos que exploramos que temos a oportunidade de aprofundar a nossa autoconsciência e compreender, com maior profundidade, quais são nossas melhores habilidades e competências e quais as que precisamos trabalhar, para alcançar os nossos objetivos.

Acredito que mudar nos faz bem. Mudar é confrontar diferentes perspetivas. E mudar de cidade é também uma oportunidade de analisar como as cidades se desenvolvem, como a política e a cultura têm impacto no nosso dia a dia. Uma oportunidade de reflexão de como contribuir para um mundo melhor, que nos permite evoluir como indivíduos e como comunidade.

Enquanto jovens estudantes devemos ter presente que somos o resultado das nossas experiências. À medida que as acumulamos e as diversificamos, mudamos, crescemos, aprendemos, tornamo-nos seres mais completos, mais capazes de compreendermos o mundo e a nós mesmos.

Lisboa foi uma excelente ideia. O ato de ir pressupôs abandonar temporariamente o Porto para alargar horizontes, mas também para me mostrar que a magia de casa é, afinal de contas, saber bem partir e saber ainda melhor voltar. Principalmente com um novo olhar. Porque quando chegamos a casa, ela é a mesma, mas algo em nós mudou e isso muda tudo.

Alexandre Freire

Intercâmbio na Escola de Lisboa



D.

O MELHOR DOS DOIS MUNDOS.

Há quem diga que não se pode ter o melhor dos dois mundos. Contudo, o programa de mobilidade interna permite-nos ter a experiência de estudar um semestre longe de casa, sem com isso abdicarmos da exigência e qualidade de ensino do curso de Direito da Universidade Católica Portuguesa.

Se hoje em dia se torna tão óbvia a importância das experiências internacionais, não menos importante é saber ouvir quem estudou as matérias fraturantes do nosso ordenamento jurídico durante anos. A pergunta que mais me tem sido feita é por que é que decidi vir para uma das duas maiores cidades do país, quando já estudava na outra. Afinal, é certo que ambas as Escolas são conhecidas por terem um ensino de excelência. Se nas duas cidades falamos a mesma língua, ouvimos a mesma música e votamos para o mesmo Parlamento, no mundo do Direito há matérias em relação às quais "lá em Lisboa diz-se uma coisa, cá no Porto diz-se outra". Vim ao Porto à procura da controvérsia e do confronto de ideias. Vim ao Porto para ouvir na primeira pessoa doutrina que até então só podia ler em papel. Vim ao Porto para poder voltar a casa e ver além de Lisboa.

Quando me perguntam se as duas Escolas são parecidas, eu costumo responder que cada uma é igual a si própria. Destacam-se das restantes no incentivo à aposta no regime de avaliação contínua e por terem um corpo docente que para além de ensinar, ensina a gostar de aprender. Individualizam-se nos métodos, nas ideias e nas teses. Cada uma é igual a si própria, mas se, ainda assim, conseguem ser dois mundos diferentes, ter a oportunidade de estudar em ambas é, sem dúvida, ter o melhor dos dois mundos.

Um dia, foi-me dito em tom de brincadeira: "Catarina, leve esta definição para Lisboa!". Não tenho dúvidas de que levarei comigo tudo o que cá aprendi e de que foi um privilégio poder trazer ao Porto um bocadinho da nossa Escola de Lisboa.

Por todas as histórias que nos contam sobre quão enriquecedores são os semestres em mobilidade, decidi estudar a 300km de casa. Só que na Católica é difícil não nos sentirmos em casa.

Catarina Andrade

Intercâmbio na Escola do Porto

D.

OS ALUMNI SEMPRE PRESENTE

A ALUMNI DIREITO PORTO

A existência de relações institucionais entre antigos alunos e as instituições de ensino superior onde aqueles se graduaram não é um fenómeno recente. Pelo menos, desde o Séc. XIX que Universidades norte-americanas como Yale ou Princeton cultivam essas relações. No entanto, na Europa e particularmente em Portugal, as associações Alumni só começaram a surgir nos finais do séc. passado.

(...) universidades norte-americanas como Yale ou Princeton cultivam essas relações.

Em 2017 um grupo de ex-alunos sentiu a necessidade de transformar em algo útil a saudade sentida dos tempos em que frequentaram a Faculdade de Direito da Universidade Católica do Porto. Além da saudade, estava igualmente presente um sentimento de pertença a esta comunidade constituída por alunos, professores e pessoal não docente. Decidiram, então, fundar a Associação dos Antigos Alunos de Direito do Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa – Alumni Direito Porto.

(...) transformar em algo útil a saudade sentida dos tempos em que frequentaram a Faculdade de Direito (...)

A Alumni Direito Porto propôs-se alcançar os seguintes objectivos:

D.

- Promover o contacto entre os antigos alunos e entre estes e a Faculdade de Direito – Escola do Porto, através de iniciativas culturais, lúdicas, científicas e solidárias;
- Cooperar com Instituições congéneres e outras, nacionais e internacionais, que visem objectivos de fomento cultural, económico, científico e social;
- Contribuir para que a Universidade Católica aumente ainda mais o seu prestígio como instituição de ensino superior e de investigação.

(...) gerou-se uma forte cumplicidade com as associações Alumni pré-existentes (...)

Desde a sua criação, gerou-se uma forte cumplicidade com as associações Alumni pré-existentes, nomeadamente, a de Biotecnologia e a da CPBS e, posteriormente, com a mais nova das Alumni, a da Faculdade de Educação e Psicologia.

Se faz todo o sentido que exista uma Associação Alumni em cada uma das Faculdades que constituem a Universidade Católica, a colaboração entre todas é fundamental para que os objectivos propostos por cada uma sejam alcançados.

Assim é desde o início da Alumni Direito, que tem apostado na realização de eventos e actividades diversas, quer organizadas por si, quer em parceria com as restantes Associações Alumni. Há, no entanto, uma constante em todas essas realizações, que é o apoio inestimável quer da Faculdade de Direito – Escola do Porto, através da sua Direcção, nomeadamente o seu Director, Prof. Doutor Manuel Fontaine, quer do Centro Regional do Porto, através da sua Presidência e muito particularmente da Presidente Prof. Doutora Isabel Braga da Cruz.



D.

Foi assim que se realizaram diversas actividades e se lançaram sementes para o futuro, como seja, a título exemplificativo, a participação na criação da CAHS - Católica Alumni Health Squad. Ainda em conjunto não posso deixar de realçar a organização de dois Caminhos de Santiago, interrompidos em 2021 devido à pandemia. A realização destes Caminhos de Santiago muito fica a dever-se ao extraordinário empenho da Dra. Carmo Themudo Amaral, que além de ser Alumni de Gestão é responsável pela UDIP – Unidade para o Desenvolvimento Integral da Pessoa da Católica Porto.

Em colaboração com a Direcção da Faculdade de Direito – Escola do Porto realizaram-se em anos consecutivos 2018 e 2019 o I e II Reencontro Alumni, com jantar churrasco nos Jardins do Campus. Também a pandemia veio interromper estes reencontros que esperamos sejam retomados no presente ano.

(...) continuaremos em conjunto a elevar o nome da nossa *alma mater*, a Universidade Católica.

Gostaria ainda de destacar a realização de duas conferências extraordinárias, pela qualidade dos intervenientes, que foram organizadas pela Alumni Direito. A primeira denominada "210 anos da Convenção de Sintra", teve como orador o Coronel Lemos Pires, e na assistência, entre outras individualidades a presença do antigo Presidente da República General Ramalho Eanes e de Sua Excelência Reverendíssima, Senhor D. Manuel Linda, Bispo do Porto, que muito nos honraram com a sua presença.

A segunda conferência a realçar, levada a cabo já em tempos pandémicos, e por isso mesmo realizada on-line, foi a "À Conversa com Miguel Graça". O Miguel é Alumni do curso de Direito da Católica Porto e diplomata de carreira. É Ministro Plenipotenciário, ocupando desde 1 de Janeiro de 2017 o cargo de Diretor do Gabinete Executivo do Secretário-Geral da ONU. Não esqueceremos a prelecção sobre a ONU e a sua experiência nesta fundamental organização internacional.

Mais recentemente, algo que nos enche de orgulho enquanto Associação Alumni, é a colaboração no programa Bússola Mentorado Jurista, onde, como consta da sua apresentação, Alumni e actuais estudantes se aproximam, numa relação de cumplicidade intergeracional e interpares.

Esperando que os tempos pandémicos fiquem definitivamente para trás, muito mais haverá a fazer para estreitarmos os laços entre antigos alunos e entre estes e a Universidade Católica. Estou certo que mantendo a colaboração entre todos, como até aqui, continuaremos em conjunto a elevar o nome da nossa *alma mater*, a Universidade Católica.

Duarte Correia

Alumni Faculdade de Direito da Universidade Católica

D.

Os Preferidos

Ana Andrade

Livro favorito? **"O Deus das Moscas" de William Golding e "Ensaio Sobre a Cegueira" de José Saramago — ambos porque me despertaram para a questão da natureza humana.**

Filme favorito? **Provavelmente "Magnolia", de Paul Thomas Anderson — sobretudo pelo tipo de narrativa.**

Viagem de sonho? **15 dias num chalé em cima do mar, na Polinésia Francesa**

Memória? **Os 1.os de maio na avenida dos aliados, com os meus pais e irmão, a comer um Epá.**

Na secretária, o que nunca pode faltar? **A agenda. Canetas de muitas cores e bico fino. E cadernos, vários.**

Prato preferido? **Muito difícil. Vacilo entre uma carne à alentejana com migas de espargos, uma mariscada e uma francesinha.**

Primeira coisa que faz ao acordar? **Pegar no telemóvel e levar os cães à rua.**

Para começar bem o dia, o que não pode faltar? **Pequeno-almoço com calma e café.**

Como ocupa os seus tempos livres? **Gosto de ler, de cinema, de praia, de viajar, de passear cães (voluntariado), de conhecer restaurantes e de treinar.**

Qual o tema da atualidade que mais a/o faz pensar hoje/esta semana? **A possibilidade de revogação da lei do aborto pelo Supremo Tribunal, nos EUA.**

Qual a situação no seu ambiente de trabalho que mais a marcou? **Ultimamente, o momento em que vi a cara dos meus alunos pela primeira vez. Voltar a dar aulas sem máscaras foi muito mais emocionante do que antecipei.**

Se pudesse escolher outra profissão, qual seria? **Sem dúvida, jornalista. Ou pet-sitter.**



A ideia de criar o Diurna. surgiu no final de uma aula sua. É uma das figuras mais irreverentes da Católica Porto e, todos os anos, no Open Day da Escola de Direito explica aos futuros alunos porque devem escolher este lugar. A única dentro do quadro de docentes licenciada em Filosofia. É carinhosamente apelidada de "Madrinha", pela Equipa.

OS TEXTOS DOS AUTORES CONVIDADOS
NÃO SÃO SUJEITOS A QUALQUER PROCESSO
DE REVISÃO, POR RESPEITO AO ESTILO
PRÓPRIO DE CADA UM.

Aos que permitiram o nascimento deste projeto.

Aos que o acompanharam.

E, acima de tudo, aos que o continuarão quando todos os Fundadores tiverem rumado a novos desafios.

A Equipa do **Diurna.** dedica-vos esta Edição.

NBA

Diurna.



jornaldiurna.com

D.

Editor in Chief
Nuno Brochado de Agarez

Editors
Lúcia Catarina Ferreira
Carolina Louro